

AGRICULTURA EM SÃO PAULO Revista Científica do
Instituto de Economia Agrícola

Ano 38

Tomo 1

1991

ANÁLISE DA PARCELA BRASILEIRA NO MERCADO INTERNACIONAL DO CACAU(1)

Flavio Conde de Carvalho(2)
Sebastião Nogueira Junior(2)
Regina Junko Yoshii(2)
Elizabeth Alves e Nogueira(2)

RESUMO

Os principais pólos de produção de cacau são, atualmente, Costa do Marfim (29,3%), Brasil (15,3%) e Malásia (10,5%). O elevado grau de instabilidade de preços ao longo dos anos, apresentado por esse mercado, com sérias implicações para os setores produtivo e consumidor, tem levado à busca de acordos internacionais, visando estabilizar os preços mundiais do produto. O objetivo deste trabalho é analisar a participação do Brasil no mercado mundial de cacau, avaliando os efeitos do Acordo Internacional sobre as exportações brasileiras. O método utilizado foi o de parcelas marginais de mercado, que mede a variação total das quantidades importadas do cacau brasileiro, em três efeitos: tamanho de mercado, distribuição e competição. Também foi utilizado o método tradicional de parcelas de mercado, comparando o subperíodo 1960-72 (sem Acordo) com o subperíodo 1973-88 (com Acordo).

A análise das parcelas marginais de mercado indica grandes oscilações anuais nos efeitos, atribuídas à própria estrutura do mercado mundial de cacau, cultura permanente afetada substancialmente pelas condições climáticas. Também contribuiu para essas oscilações a inelasticidade-preço da demanda do produto.

Os efeitos tamanho de mercado e competição entre os dois subperíodos foram positivos, indicando que o Brasil conseguiu se aproveitar do crescimento das importações mundiais. O efeito distribuição negativo indica perda de posição em mercados específicos. Não houve variação significativa na taxa de crescimento das importações mundiais nos períodos pré e pós-Acordo. No entanto, o Brasil parece ter sido beneficiado pelo Acordo, já que sua parcela média de exportação passou de 9,1% para 11,8%. Sugere-se um programa mais agressivo de conquista de mercado, traduzido no efeito competição, que poderia contribuir de fato para que o Brasil auferisse mais divisas com o cacau.

Palavras-chave: cacau, comércio exterior, mercado de cacau, Acordo Internacional do Cacau, parcela de mercado.

(1) Trabalho referente ao projeto SPTC no. 16-004/89. Os autores agradecem ao Professor Sérgio Alberto Brandt pelas sugestões na parte metodológica. Recebido em 27/11/90. Liberado para publicação em 23/01/91.

(2) Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

ANALYSIS OF BRAZILIAN SHARES IN COCOA INTERNATIONAL MARKET

SUMMARY

Presently, the main poles of cocoa production are the Ivory Coast (29.3%), Brazil (15.3%) and Malaysia (10.5%). The high degree of price instability along the years, shown by this market, with serious implications over productive and consuming sectors, has led to a search of international agreements with the objective of stabilizing world prices of the product. The objective of this study is to analyse Brazilian share in cocoa world market, evaluating the effects of the International Agreement on Brazilian exports. The method of marginal market share analysis was used, which measures total variation of imported quantities of Brazilian cocoa in three effects: market size, distribution and competition. It was also applied the traditional method of market share analysis comparing the subperiod of 1960-72 (whithout Agreement) whith the subperiod of 1973-88 (whith Agreement). Marginal market share analysis indicates great anmial fluctuations in the effects, imputed to the own structure of cocoa world market, a permanent cultivation essentially affected by climatic conditions. It also contributes to these fluctuations the deraand price-inelasticity of the product. Market size and competition effects between the two subperiods were positive, indicating that Brazil was able to take advantage on world imports growth. The negative distribution effect indicates loss of position in specific markets. With regard to world imports growth rate, there was none significant variation in the fore and post-Agreement periods. Nevertheless, Brazil seems to nave been improved by the Agreement, as its exports average share passed from 9.1% to 11.8%. A more aggressive program of market conquest is suggested, translated in competition effect, which really could contribute in order to Brazil gaining more exchange value from cocoa exports.

Key-words: Cocoa bean, constant market share, marginal market share, cocoa market, Cocoa International Agreement.

1-INTRODUÇÃO

Passados quase cinco séculos de sua descoberta, o cacau (Theobroma cacao) e seus produtos são largamente utilizados em todos os países e hoje fazem parte da alimentação do homem moderno.

Planta originária das regiões tropicais das Américas Central e do Sul, o cacau é nativo das florestas equatorianas das bacias dos rios Amazonas e Orenoco e teve sua disseminação pelo continente, ainda no período pré-colombiano.

Com a descoberta da América pelos europeus, o consumo de cacau espalhou-se, passando a economia do produto de uma fase extrativista para o plantio, TOSTA Fo.(21).

Em 1746, a cultura do cacau chegou à região Sul da Bahia, onde

desenvolveu-se acentuadamente, sobretudo no início do século XX.

No período de 1860 a 1910 foi levado para a África Ocidental, região que assumiu a liderança da produção mundial. A medida que foi ganhando importância econômica, o cacau foi sendo introduzido em várias regiões tropicais do globo terrestre.

Cacau, café e chá apresentam certas características comuns e, ao mesmo tempo, marcantes diferenciações: todos os três têm uma tradição milenar de consumo por antigas civilizações, mas foram introduzidos no mundo moderno em período relativamente recente.

Embora originários e cultivados em regiões tropicais e subtropicais, encontram nos países setentrionais - de alto padrão de vida - os seus centros de consumo mais importantes em desenvolvimento.

Dentro das condições técnicas, o chá é considerado estimulante; o café, estimulante e relativamente nutritivo; e o cacau, estimulante e altamente nutritivo. Assim sendo, os três produtos são, por vezes, concorrentes tanto no setor de produção, competindo nas mesmas áreas por terra, capital e mão-de-obra, bem como no setor de consumo onde, não raro, o ganho de um representa a perda do outro. Ocorre que o cacau leva certa vantagem sobre os demais, pelo fato de poder ser consumido - após a industrialização - sob a forma sólida, hoje a mais representativa.

O complexo processo de transformação da matéria-prima para chegar ao produto final confere ao cacau maior importância econômica em relação aos outros, o que levam à criação de uma fonte industrial chocolateira nos países consumidores, TOSTA Fo.(21).

A moagem corresponde ao processamento industrial da amêndoa de cacau e o conseqüente desdobramento em produtos semimanufaturados - liquor ou pasta de cacau, manteiga, torta e pó - ingredientes ou matérias-primas para a indústria de chocolate.

O cacau, além de consumido na forma de produto final basicamente como chocolate (tablete, barra, pó, bombom, granulado, etc), também é utilizado na fabricação de bebidas, cosméticos, sorvetes, doces, biscoitos, bolos, pós-chocolatados, confeitos e ração animal.

No Brasil, apesar da diversificação da pauta de exportações, o cacau (inclusive preparações) ainda é importante fonte de divisas, ocupando a sexta posição entre os produtos agrícolas em 1989, CACEX (4) . Ao longo do tempo, entretanto, a importância relativa dos diversos subprodutos do cacau se modificou acentuadamente. Em 1960, o cacau em amêndoas respondia por 73% do valor das exportações brasileiras, caindo para 39% em 1988.

A importante representatividade de derivados mais elaborados de cacau na pauta de exportação deve

estar influenciando a participação do Brasil no mercado internacional de cacau, uma vez que causa redução na oferta da amêndoa propriamente dita.

A conveniência do Brasil, a exemplo de outros produtores, continuar dando importância à exportação da matéria-prima decorre da limitação ao aumento das exportações de chocolates e outras preparações a base de cacau causada pelo protecionismo à indústria local desses produtos em alguns países importadores.

A importância do cacau como fonte de divisas explica o crescente interesse do Governo em aumentar a produção ou implementar programas de renovação, reabilitação e expansão em novas áreas. Tal afirmação pode ser evidenciada em trabalho realizado no Estado de São Paulo, em que foi analisada a viabilidade econômica-financeira da cultura, NOGUEIRA (17).

Embora seja o segundo maior produtor e o quarto em moagem de cacau, o Brasil apresenta um dos menores consumos per capita do produto (3).

Campanhas para a expansão do consumo de cacau têm surtido efeito, sobretudo nas Regiões Sudeste e Sul do País, onde os níveis de renda são maiores e o clima mais apropriado à sua utilização sob as várias formas. O potencial do desenvolvimento do mercado interno, aliado ao aprimoramento das condições de estocagem na forma de derivados, por um período mais longo, poderá propiciar ao País negociar em melhores condições com os importadores, contando, portanto, com uma alternativa de estabilização de preços, MENEZES (13).

1.1 - Estrutura do Mercado Mundial

A produção de cacau está concentrada na África Ocidental (53%) e na América Latina (40%). Em 1989, os principais pólos mundiais da cacauicultura eram Costa do Marfim (29,3%),

Brasil (15,3%) e Malásia (10,5%).

A oferta mundial, contudo, era proveniente de 15 países caracterizados por clima adequado, mão-de-obra barata e disponível e estrutura fundiária conveniente, sendo que sete deles respondiam por 83,5% da produção (8).

Em geral, os grandes produtores exportam a própria amêndoa e derivados simples - manteiga, pó e liquor. O Brasil, contudo, quinto exportador de amêndoas, atrás da Costa do Marfim, Java, Nigéria e Malásia, já é exportador de chocolates.

A Europa Ocidental representa o principal bloco moageiro, com cerca de 40% do total mundial, enquanto que o Brasil é o País que mais processa a amêndoa. Os mais importantes consumidores são os Estados Unidos, Alemanha Ocidental, União Soviética, Reino Unido, França e Japão.

Em 1989, pelo sexto ano consecutivo, a produção mundial de cacau foi recorde ao lado de uma evolução positiva, porém bastante moderada, do consumo mundial, resultando em acentuação dos excedentes o que, sem dúvida, tem provocado queda dos preços internacionais (12).

No curto prazo, o mercado é influenciado não só pela interação entre oferta e procura do produto em si, mas também, pela origem e qualidade da amêndoa, além da relação de preços entre a matéria-prima e seus subprodutos ("ratios"). Recentemente, tem sido forte a competição de outros substitutos do cacau na fabricação de chocolate, incluindo os óleos vegetais no lugar da manteiga de cacau e da cobertura de cacau.

Como ocorre com as demais

"commodities", sobretudo com as de origem agrícola, a comercialização do cacau é caracterizada por ciclos, geralmente com prejuízos aos países produtores, já que a tendência altista dos preços estimula novos plantios, cujos reflexos no médio e longo prazos são, na maioria das vezes, de declínio de preços em decorrência do excesso de oferta (13).

O mercado mundial de cacau tem apresentado um substancial grau de instabilidade de preços ao longo dos anos, causando sérias implicações para o setor produtivo. Para evitar essas consequências, têm sido desenvolvidos esforços internacionais, via acordos intergovernamentais, com o objetivo principal de estabilizar preços no comércio mundial, de forma que o produto possa ser acessível aos consumidores e propicie um razoável retorno aos produtores.

A redução da amplitude de flutuações de preços, via Acordo Internacional do Cacau (AIC), tem sido efetivamente um propósito perseguido desde 1972, MENEZES (15).

1-2-0 Acordo Internacional do Cacau(3)

As primeiras tentativas de negociações datam de 1956 sob a supervisão da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO). Após longo período de discussão, dada a intransigência de produtores e consumidores, o primeiro Acordo só foi efetivado em 1972, com validade para um período de três anos patrocinado pela Organização Internacional do Cacau (ICCO) (4).

(3) Maiores detalhes sobre o Acordo encontram-se em MENEZES (15)-

(4) Em 1962 fora constituída a Aliança dos Países Produtores de Cacau, formada pelos cinco líderes - Gana, Nigéria, Brasil, Costa do Marfim e Camarões, que propunha um esquema de estabilização de preços no mercado mundial via redução da oferta, já que essa crescia a taxas mais elevadas que as do consumo. Os países-membros, por diversas vezes, tentaram reduzir suas cotas de exportação com o objetivo de aumentar os preços, mas as ações culminaram em fracasso dado o excedente que havia no mercado internacional.

Participaram das negociações 63 países produtores e consumidores (com exceção dos Estados Unidos, maior consumidor mundial), que representavam 90% da produção e 70% de consumo mundial, respectivamente.

O Acordo era regido por três medidas básicas: um sistema de preços máximo e mínimo; um sistema de quotas de exportação com mecanismos de ajustes; e um estoque regulador ("buffer stock") de até 250 mil toneladas, ICCO (12).

Esse Acordo foi pouco eficaz, contribuindo para isso a dependência econômica que alguns membros (ex-colônias) tinham dos grandes países consumidores: condições não apropriadas de estocagem nos países produtores; e dificuldades desses em limitar a produção, dada a importância dessa "commodity" na pauta de exportações.

Em 1976, foi ratificado o segundo AIC, contando então com a participação dos Estados Unidos. Pelos mesmos motivos ocorridos com o primeiro Acordo esse também não foi atuante.

O terceiro Acordo só foi concluído em 1980, com os mesmos objetivos dos anteriores, com base em um sistema de preços máximo e mínimo, preços de intervenção e estoque regulador, cujas operações seriam financiadas pelos países produtores e consumidores. Esse Acordo não contou com as participações da Costa do Marfim, maior produtor mundial e dos Estados Unidos, maior importador (5). As operações de compra para formação de estoque regulador tiveram início em 1o. de outubro de 1981, mas dado os volumosos estoques e limitados recursos os objetivos também não foram alcançados.

Embora devesse expirar em 1983, esse Acordo foi prorrogado até setembro de 1985. O quarto Acordo só foi firmado em 1987. Atualmente, um novo Acordo encontra-se em fase de negociação. Fazem parte do grupo de discussão 18 países produtores e 23 países consumidores.

A existência de um grande estoque regulador, a pressão dos consumidores para a revisão do preço mínimo e a dívida de alguns países produtores (casos do Brasil e Costa do Marfim) com relação à taxa de manutenção do estoque têm dificultado sobremaneira as negociações para que se chegue ao estabelecimento desse novo Acordo.

A alta concentração, tanto do lado da oferta como da demanda, poderia favorecer os entendimentos entre países produtores e consumidores na busca de uma ação conjunta para esta bilização de preços. Na realidade, isso não ocorre devido às características distintas entre os negociadores: de um lado, nações desenvolvidas, de outro nações em desenvolvimento, fato que dificulta o alcance do consenso.

Se por um lado, os maiores produtores de cacau podem auferir ganhos consideráveis com a adoção de um Acordo com base na exploração de seu poder de monopólio, de outro, eles não devem desprezar as dificuldades que podem aparecer tanto no início do processo como no futuro, quando estarão procurando alcançar uma decisão a respeito do problema de distribuição de ganhos, HOMEM DE MELO (11).

1.3 - Objetivos

O objetivo do presente trabalho é analisar a participação

(5) Foi estipulado que o preço das amêndoas de cacau seria determinado em relação a um preço diário e a um preço indicativo, tendo por base as cotações das Bolsas de Nova Iorque e Londres. O preço indicativo seria a média dos preços diários de 15 dias consecutivos.

relativa do Brasil no mercado externo de cacau, e avaliar os efeitos da existência do Acordo Internacional do Cacau sobre as exportações brasileiras.

Parte-se da hipótese de que se não houvesse o Acordo, as exportações do País teriam sido muito menores do que efetivamente o foram, e as variâncias anuais das quantidades embarcadas seriam muito maiores em função das frequentes flutuações nas produções mundial e brasileira. Como o Acordo Internacional regula exclusivamente o mercado de cacau em amêndoas, este estudo se reportará somente a essa forma do produto.

2- MATERIAL E MÉTODOS

Os dados de importação mundial de cacau em amêndoas, em toneladas, são da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação TRADE YEARBOOK (22K para o período 1960-87, tendo sido estimado pelos autores para 1988. Os dados de exportação do Brasil, originalmente em quilograma, são da Carteira de Comércio Exterior (CACEX) do Banco do Brasil S.A. (5), para o período 1960-87, tendo sido obtidos diretamente da CACEX para 1988. A utilização de duas fontes diferentes para os dados pode implicar em alguma distorção nos resultados finais mas, provavelmente, ela não será de grande monta.

O período analisado é 1960-88 e os dados se referem ao ano civil.

O método empregado para analisar a dinâmica dos efeitos anuais presentes na parcela das exportações brasileiras nos principais mercados importadores foi denominado de método das parcelas marginais de mercado ("marginal market shares") por NAGARAJAN & UPADHYAY (16). Esse método parte do modelo tradicional da análise de parcelas de mercado ("constant market shares"), descrito por RIGAUX (19) e RICHARDSON (18), entre outros, e aplicado a exportações brasileiras de açú-

car e de algodão por CARVALHO; JUNKO; NOGUEIRA JR. (6) e CARVALHO; NOGUEIRA JR.; PINTO (7). O método das parcelas marginais apresenta a característica de ser aplicado ano a ano aos dados de comércio exterior, ao contrário do método tradicional que, normalmente, compara dois conjuntos de dados distantes entre si no tempo ou médias de subperíodos específicos. Assim, o método marginal permite traçar o caminho temporal ou os movimentos dos vários efeitos durante o período de tempo em análise. Isso possibilita, segundo NAGARAJAN e UPADY HAY (16), analisar a mudança de estrutura e competitividade das exportações e analisar a estabilidade dos vários efeitos.

O cálculo anual dos efeitos permite identificar o momento da ocorrência de fenômenos econômicos que afetam as exportações de cacau em amêndoas. Essa vantagem do método marginal pode contrabalançar a restrição levantada por SCHAUB (20) quanto à menor confiabilidade de dados anuais em contraposição ao uso de médias.

Os efeitos analisados são os mesmos do método de parcelas constantes de mercado: tamanho de mercado, distribuição e competição. O efeito tamanho de mercado mede o impacto da mudança do volume global do comércio mundial de cacau em amêndoas sobre as exportações do Brasil, caso esse País, simplesmente, mantivesse a sua participação relativa no mercado agregado.

O efeito distribuição mede a variação na participação do Brasil no mercado mundial de cacau em amêndoas, caso mantivesse constante sua participação em cada mercado individual.

O efeito competição mede as alterações das parcelas de mercado decorrentes de perdas ou ganhos nas exportações de cacau em amêndoas do Brasil causadas por mudanças na sua competitividade nos mercados considerados.

Todos os efeitos são medidos em percentagem.

Os países para os quais se

dispõem de séries de dados para todo o período, ou quase todo, serão considerados separadamente; os dados dos demais serão agregados no grupo de outros.

Para se analisar a influência do Acordo sobre as exportações brasileiras será realizada análise de parcela constante de mercado, considerando o subperíodo 1960-72 como de inexistência de Acordo e o subperíodo 1973-88 como de vigência do Acordo.

3-RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo do período 1960-88, as importações mundiais de cacau deixaram o patamar de 1 milhão de toneladas para atingir níveis próximos de 1,4 milhão. O maior volume importado ocorreu em 1985, com 1,46 milhão de toneladas e o menor, em 1960, com 889,2 mil toneladas (quadro 1). O crescimento das importações, entretanto, não ocorreu de modo gradativo, havendo oscilações devidas a flutuações, principalmente, de safras do lado da oferta e de renda dos consumidores, do lado da demanda. Oscilações anuais bastante acentuadas foram observadas entre 1960 e 1961 (13,4%), entre 1964 e 1965 (17,5%), entre 1976 e 1977 (-13,7%) e entre 1980 e 1981 (16,3%) (quadro 1).

Os coeficientes de regressão utilizados no cálculo das taxas geométricas médias anuais de crescimento das importações mundiais foram significantes ao nível de, pelo menos 10%, qualquer que seja o subperíodo considerado.

A taxa geométrica média anual de crescimento das importações mundiais foi positiva para as décadas de 60 e de 80 e negativa para a década de 70 (quadro 2). Ao longo do período 1960-88, a taxa média anual foi de 1%. No subperíodo 1960-72, neste estudo correspondendo a ausência de Acordo Internacional do Cacau, a taxa de crescimento das importações mundiais foi de 1,8%; no subperíodo

1973-88, na presença de Acordo, a taxa foi de 1,9%. Não houve, portanto, na prática, após o Acordo, qualquer variação significativa na taxa de crescimento das importações mundiais com relação ao período pré-Acordo.

As exportações brasileiras também oscilaram bastante durante o período em análise, com um mínimo de 55.340 toneladas em 1962 e um máximo de 176.628 toneladas em 1975. As maiores oscilações ocorreram entre 1961 e 1962 (-46,9%), entre 1968 e 1969 (57,7%), entre 1973 e 1974 (56,9%) e entre 1984 e 1985 (60,7%). Diversas outras variações de certa magnitude foram constatadas ao longo do período, indicando serem bastante instáveis as exportações brasileiras de cacau em amêndoas.

A parcela das exportações brasileiras nas importações totais mundiais esteve entre um mínimo de 5,3% em 1962 e um máximo de 15,1% em 1979, variação também bastante grande. Nos três últimos anos do período, essa participação caiu para menos de 10%.

As taxas de crescimento das exportações brasileiras foram positivas para todas os subperíodos analisados, embora não apresentando significância estatística ao nível de pelo menos 10%, exceto para a taxa de 2% ao ano, calculada para o período 1960-88, o dobro da taxa registrada para as importações mundiais. No subperíodo sem Acordo, a taxa foi de 2,5% e no subperíodo com Acordo, de 1,3%.

Um fator que afeta sobremaneira o comércio exterior do cacau é a instabilidade de preços que se deve basicamente a dois fatores: do lado da oferta, a produção altamente dependente das condições climáticas e do lado da demanda, a inelasticidade preço.

Essa instabilidade de preços foi apontada por AMIN (1) e citada por MENEZES (13). O primeiro constatou ser o cacau o produto agrícola que apresenta os maiores índices de instabilidade de preços, considerando o período 1962-85. O segundo, com base em cálculos realizados pelo Banco

QUADRO 1. Importações e Exportações Brasileiras de Cacau em Amêndoas, 1960-88

Ano	Importação mundial			Exportação brasileira			
	Quantidade (t)	Variação(1)		Quantidade (t)	Variação(1)		Parcela no total (%)
		t	%		t	%	
1960	889.200	125.457	14,1
1961	1.008.040	118.840	13,4	104.170	-21.287	-17,0	10,3
1962	1.038.920	30.880	3,1	55.340	-48.830	-46,9	5,3
1963	1.036.740	-2.180	-0,2	68.685	13.345	24,1	6,6
1964	i.047.600	10.860	1,0	74.710	6.025	8,8	7,1
1965	1.230.910	183.310	17,5	91.966	17.256	23,1	7,5
1966	1.185.040	-45.870	-3,7	112.497	20.531	22,3	9,5
1967	1.104.878	-80.162	-6,8	114.351	1.854	1,6	10,3
1968	1.079.825	-25.053	-2,3	75.815	-38.536	-33,7	7,0
1969	1.039.337	-40.488	-3,7	119.575	43.760	57,7	11,5
1970	i.110.452	71.115	6,8	119.768	193	0,2	10,8
1971	1.218.921	108.469	9,8	119.071	-697	-0,6	9,8
1972	1.249.747	30.826	2,5	102.254	-16.817	-14,1	8,2
1973	1.172.427	-77.320	-6,2	82.774	-19.480	-19,1	7,1
1974	1.151.133	-21.294	-1,8	129.865	47.091	56,9	11,3
1975	i. 191.948	40.815	3,5	176.628	46.763	36,0	14,8
1976	1.160.542	-31.406	-2,6	128.838	-47.790	-27,1	11,1
1977	1.000.974	-159.568	-13,7	107.624	-21.214	-16,5	10,8
1978	1.087.043	86.069	8,6	134.074	26.450	24,6	12,3
1979	1.040.227	-46.816	-4,3	156.932	22.858	17,0	15,1
1980	1,067,871	27.644	2,7	123.580	-33.352	-21,3	11,6
1981	1.242-217	174.346	16,3	125.227	1.647	1,3	10,1
1982	i.269,494	27.277	2,2	143.462	18.235	14,6	11,3
1983	1.261.714	-7.780	-0,6	152.773	9.311	6,5	12,1
1984	1.324.631	62.917	5,0	107.186	-54.587	-29,8	8,1
1985	1.464.382	139.751	10,6	172.246	65.060	60,7	11,8
1986	1.399.774	-64.608	-4,4	135.150	-37.096	-21,5	9,7
1987	1.461.763	61.989	4,4	143.482	8.332	6,2	9,8
1988	1.374.057	-87.706	-6,0	134.490	8.992	-6,3	9,8

(1) Em relação ao ano anterior.

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos de exportação brasileira da CACEX (5) e de importação mundial da FAO (22). Para 1988, os dados relativos ao Brasil foram obtidos diretamente da CACEX e os dados mundiais foram estimados pelos autores.

QUADRO 2.- Taxas Geométricas Médias Anuais de Crescimento(1) das Importações Mundiais e das Exportações Brasileiras de Cacau em Amêndoas, por Década ou Subperíodo, 1960-88

(em porcentagem)

Período e subperíodo	Importação mundial	Exportação brasileira
1960-69	1,6 (10)	1,6
1970-79	-1,5 (5)	3,1
1980-88	3,7 (1)	1,2
1960-72	1,8 (1)	2,5
1973-88	1,9 (1)	1,3
1960-88	1,0 (1)	2,0 (1)

(1) Calculadas por meio de equação de regressão exponencial. Os valores entre parênteses após as taxas indicam o nível de significância do teste t do coeficiente de regressão.

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos de exportação brasileira da CACEX (5) e de importação mundial da FAO (22). Para 1988, os dados relativos ao Brasil foram obtidos diretamente da CACEX e os dados mundiais foram estimados pelos autores.

Mundial em 1982, abrangendo o período 1955-81, para um grupo de "commodities", aponta que a flutuação de preços do cacau só e sobrepujada pela do açúcar: a variação média anual do cacau foi de 25.3% e a do açúcar foi de 41,6%. HERRMANN (10), ao analisar as exportações durante o período 1968-80, constatou instabilidade de preços mais alta para o Brasil, dentre um grupo de países selecionados. O índice foi de 28,7%, seguido de Nigéria (21,1%), Camarões (20,8%), Gana (20,7%) e Costa do Marfim (19,4%).

3.1- A Análise das Parcelas de Mercado

Ao se comparar as médias dos subperíodos 1960-72 e 1973-88, constata-se que houve crescimento da ordem de 12,2% nas importações mundiais de

cacau em amêndoas, que passaram de 1,095 milhão de toneladas para 1,229 milhão. Acréscimos foram registrados nas importações de Holanda, Alemanha Ocidental, URSS, Bélgica/Luxemburgo e outros países em conjunto e decréscimos nas de Estados Unidos, Canadá, Argentina, África do Sul e Uruguai (quadro 3).

As exportações brasileiras, no subperíodo 1973-88, mais que duplicaram para Holanda, Alemanha Ocidental, URSS, Canadá e outros países e se reduziram para Estados Unidos, Bélgica/Luxemburgo e Argentina. O crescimento dos outros países importadores significa uma busca de novos mercados.

Os coeficientes de variação das exportações brasileiras são superiores aos das importações mundiais nos dois períodos considerados.

A análise tradicional das

QUADRO 3. - Importações Mundiais e Exportações Brasileiras de Cacau em Amêndoas, Principais Países, Médias Anuais, Subperíodos 1960-72 e 1973-88

(em tonelada)

País	Importação mundial		Exportação brasileira	
	1960-72	1973-88	1960-72	1973-88
Holanda	110.004	172.848	6.502	13.113
Alemanha Ocidental	137.424	177.489	3.788	8.031
EUA	289.342	217.310	50.415	38.517
URSS	80.954	133.992	8.801	26.001
Bélgica/Luxemburgo	16.705	25.559	700	84
Canadá	17.368	15.792	329	2.331
Argentina	7.574	3.306	7.227	3.066
África do Sul	4.832	3.835	324	603
Uruguai	535	349	411	336
Outros	430.616	478.906	20.246	42.563
Total	1.095.355	1.229.387	98.743	134.646
Coefficiente de variação (%)	9	11	22	17

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos de exportação brasileira da CACEX (5) e de importação mundial da FAO (22). Para 1988, os dados relativos ao Brasil foram obtidos diretamente da CACEX e os dados mundiais foram estimados pelos autores.

parcelas de mercado entre os dois subperíodos indica a ocorrência de efeitos tamanho do mercado (34%) competição (110%) positivos e de efeito distribuição negativo (-44%). A maior magnitude absoluta foi constatada para o efeito competição, que é um composto de efeitos de diversas variáveis, como preço, qualidade, crédito, etc. O efeito tamanho de mercado indica que o Brasil conseguiu se aproveitar, ao longo do período, do crescimento das importações mundiais de cacau em amêndoas. Por outro lado, o efeito distri-

buição negativo indica perda de posição em mercados específicos, ou seja, o Brasil não conseguiu manter suas parcelas.

3.2 - As Parcelas Marginais do Mercado de Cacau

O exame dos efeitos tamanho de mercado, competição e distribuição indica variações bastante acentuadas das exportações brasileiras ao longo do período 1960-88. O efeito tamanho

de mercado em quatro dos anos examinados apresentou oscilações bastante elevadas: 1967 (-410%); 1970 (4.239%); 1971 (1.678%); e 1981 (1.225%) (quadro 4).

O efeito competição também apresentou grandes alterações, com sinal contrário ao daquelas variações do efeito tamanho de mercado, nos mesmos anos: 839% em 1967; -7.948% em 1970; -2.052% em 1971; e -1.294% em 1981. As mudanças do efeito distribuição apresentam a mesma direção das do efeito tamanho de mercado: -329% em 1967; 3.809% em 1970; 274% em 1971.

As grandes oscilações observadas nos efeitos devem-se a própria estrutura do mercado mundial de cacau, caracterizada por alterações acentuadas nos preços, nos estoques, nos volumes importados e na própria produção. Trata-se de uma atividade permanente, própria de países tropicais e afetada, substancialmente, pelas condições climáticas do lado da oferta e por certo grau de inelasticidade-preço do lado da demanda.

Portanto, um pequeno contingente de produtores enfrenta um mercado relativamente restrito sem muita possibilidade de expansão.

Em termos dos efeitos diferenciados da participação do Brasil no mercado internacional do cacau, o efeito competição mostrou-se o mais forte, embora seja o de análise mais complexa, pois na verdade é um somatório de diferentes variáveis como preço, qualidade, lealdade do consumidor e facilidades de ordem creditícia ou financeira, CARVALHO; JUNKO; NOGUEIRA JR. (6).

A seguir, coloca-se o efeito tamanho de mercado, com contribuição relativamente menor, mas também positiva, o que implica em conquista de mercados potenciais, via uma política agressiva de "marketing" e/ou de acordos bilaterais - governo a governo - eliminando barreiras institucionais, conforme sugerem MENEZES & BARROCO (14), e ainda a troca de mercadorias com países da Ásia (China) e do Leste

Europeu (União Soviética, em especial).

O efeito distribuição, por sua vez, mostrou-se negativo, significando que as exportações brasileiras devem ter perdido terreno em relação a outros concorrentes em mercados específicos.

Isso parece evidenciar uma certa acomodação de mercado, o que não tem provocado mudanças estruturais de comercialização do produto.

Os resultados encontrados apontam a supremacia do efeito competição em relação aos outros dois - distribuição e tamanho de mercado - e mostram que o Brasil, a exemplo da Costa do Marfim, aproveitou a oportunidade aberta pela expressiva diminuição na parcela total de mercado de Gana e Nigéria.

4 - CONCLUSÕES

O cacau, a exemplo de outras importantes "commodities" de origem agrícola, apresenta uma variabilidade de preços muito acentuada, embora, a partir de 1972, o comércio mundial do produto tenha sido em grande parte regido por normas estabelecidas por acordo internacional.

A concentração geográfica da produção, ou seja, a exclusiva dependência a áreas restritas, faz com que a flutuação anual na produção em alguns países proporcione um grande impacto na oferta mundial, o qual se transmite, com ampliação, aos preços.

Como também acontece com outras "commodities", cujos mercados são regidos por acordos internacionais, a existência de um mercado paralelo, sobretudo decorrente do "desespero econômico" de grandes produtores, caracterizados como países em desenvolvimento, e que têm nas matérias-primas importantes fontes de divisas, contribui para que essa instabilidade de preços se torne uma situação crônica.

Além disso, a crescente acumulação de estoques, decorrente do aumen

QUADRO 4.- Efeitos Tamanho, Competição e Distribuição Relativos à Participação das Exportações Brasileiras nas Importações de Cacau dos Principais Mercados, 1961-88

(em %)

Ano	Tamanho do mercado	Competição	Distribuição
1961	79	-236	57
1962	7	-96	-11
1963	-1	104	-3
1964	12	53	35
1965	76	-12	36
1966	-17	122	-5
1967	-410	839	-329
1968	-7	-78	-15
1969	-6	108	-2
1970	4.239	-7.948	3.809
1971	1.678	-2.052	274
1972	18	-66	-52
1973	-32	-51	-17
1974	-3	99	4
1975	10	90	0
1976	-10	-89	-1
1977	-84	29	-45
1978	35	66	-1
1979	-25	120	5
1980	12	-105	-7
1981	1.225	-1.294	169
1982	15	98	-13
1983	-9	13	96
1984	17	-105	-12
1985	17	82	1
1986	-20	-87	7
1987	72	2	26
1988	-96	21	-25

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos de exportação brasileira da CACEX (5) e de importação mundial de FAO (22). Para 1988, os dados relativos ao Brasil foram obtidos diretamente da CACEX e os dados mundiais foram estimados pelos autores.

to da oferta em virtude da expansão da cacauicultura frente a um consumo estável, tem forçado para baixo os preços mundiais provocando, até mesmo, mudanças estruturais no comércio do produto,

Conforme enfatiza AMIN (2), em estudo realizado em 1989 abrangendo o período 1946/47 a 1987/88, em que foi feita uma revisão dos problemas e tendências do mercado mundial de cacau, o Acordo Internacional do Cacau não tem funcionado a contento, já que não teve força política suficiente para impor aos países-membros a adoção de medidas corretivas necessárias à estabilização dos preços de cacau em um patamar que atendesse aos interesses de todos os países. Citou, como exemplo, o comportamento do principal produtor - Costa do Marfim - que em determinado momento chegou a reter suas exportações na tentativa de elevar os preços internacionais. Conseguindo tal feito, o mercado voltou ao normal só que, a partir de 1988, aquele país passou a negociar a sua safra diretamente com as grandes corretoras internacionais.

No presente estudo, por outro lado, há evidências de que a partir de 1973, com a vigência do AIC, o Brasil tenha sido beneficiado, já que a parcela brasileira média passou de 9,1% em 1960-72 (antes do Acordo) para 11,8% em 1973-88 (com o Acordo). No período 1960-88, a parcela média foi de 10,9%. Entretanto, a variabilidade das quantidades de cacau em amêndoa exportadas pelo Brasil, medida pelo coeficiente de variação, embora caindo de 22% para 17%, ainda continua elevada.

Ao se considerar um mercado complexo como o do cacau, em que os países produtores apresentam grande dependência do produto para a receita das exportações - Costa do Marfim (39%), Gana (60%) e Camarões (16%), dados relativos a 1985 da Internacional Cocoa Organization (ICCO) - pode-se considerar como razoável a performance do Brasil no período estudado. Contudo, cabem algumas considerações.

O que fora prognosticado em 1974 por CROTTY (9), de que a indústria de processamento de cacau deslocar-se-ia dos países consumidores para os produtores, não se concretizou. O Brasil, de maior parque moageiro mundial, caiu para a sexta colocação. Isto deve significar que os grandes consumidores acreditam na expansão continuada da oferta, o que exigirá uma eficiente política de comercialização por parte dos países produtores.

Foi também apontado por aquele autor a emergência de fontes produtoras no Sudoeste da Ásia e a introdução de híbridos nesses países e também no Brasil - fatos que propiciam produtos de melhor qualidade - o que pode modificar a estrutura do mercado mundial. Além disso, o uso de sucedâneos (óleos vegetais) tem afetado sobremaneira o mercado de cacau.

Diante de um mercado externo difícil, tendo em vista uma tendência de produção crescente e disponibilidade de estoque regulador de 250 mil toneladas, regido pelo Acordo Internacional do Cacau, os países produtores, em especial o Brasil, devem estar atentos à questão da qualidade do produto e da eficiência na comercialização, essa sobretudo afetada pelas relações "coloniais" ainda existentes nos grandes consumidores, como tem sido evidenciado pelas aquisições de cacau da Costa do Marfim pela França.

Do lado da demanda, campanhas de incentivo ao consumo interno são um imperativo já que reduziriam o volume de cacau bruto a ser exportado, situação mais conveniente em um mercado estável em termos de consumo, o que de certa forma poderia conter a tendência declinante dos preços da amêndoa de cacau.

Os resultados desta pesquisa se harmonizam com os de estudos desenvolvidos por AMIN (1), onde o autor afirma que as limitações impostas pelo tamanho de mercado, assim como os impactos negativos da dependência de mercados "tradicionais" parecem afetar seriamente a capacidade de planejam-

to dos programas de exportação, e principalmente o dimensionamento de mercado.

Assim, só um programa mais agressivo de conquista de mercados, traduzido no efeito competição, poderia contribuir de fato para que o Brasil auferisse mais divisas com o cacau.

LITERATURA CITADA

1. AMIN, Mário M. Mudanças na posição competitiva e parcelas de exportação dos principais produtores de cacau. Belém, CEPLAC/CORAM, 1988. 53p. (Série Pesquisa, out./88)
2. _____. Revisão das tendências e problemas do mercado mundial. Belém, CEPLAC/CORAM, 1988. (Série Pesquisa, maio/88)
3. ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO CACAU, Itabuna, CEPLAC, 1988. v.4.
4. BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA: Exportação e Importação. Rio de Janeiro, Banco do Brasil, CACEX, 1989.
5. COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL: Exportação. Rio de Janeiro, Banco do Brasil, CACEX, 1951-1988.
6. CARVALHO, Flavio C. de; JUNKO, Regina J.; NOGUEIRA Jr., Sebastião. Efeitos do Acordo Internacional do Açúcar sobre a participação brasileira em mercados importadores. Agricultura em São Paulo, SP, 35(1): 1-12, 1988.
7. _____. NOGUEIRA Jr., Sebastião; PINTO, Marcelo M. Participação brasileira em mercados importadores de algodão em pluma: análise de parcelas de mercado. Agricultura em São Paulo, SP, 27 (1):1-11, 1980.
8. COCOA MARKET REPORT, London, n. 338, Sept. 1990.
9. CROTTY, D. Long term development in world cocoa 1985 - 1990 - 2000. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON COCOA AND COCONUTS, Kuala Lumpur, 1984.
10. HERRMANN, R. The effects of partial international price stabilization on the stability of national export earnings. The Developing Economies, 21(3):207-224, Sept. 1983.
11. HOMEM DE MELO, Fernando B. O mercado internacional de cacau em 1980 - uma comparação de políticas alternativas. Agricultura em São Paulo, SP, 25(2):53-79, 1974.
12. ICCO. Mercado mundial de cacau: resumen de la evolución reciente y perspectivas para el período hasta 1990. London, 1987.
13. MENEZES, José A. de S. Estabilização de preços de cacau via estoque regulador. Brasília, CEPLAC/CAECI, 1987. 91p. (Estudos Econômicos, 11)
14. _____ & BARROCO, Hélio E. Relações básicas da demanda mundial por cacau. Brasília, CEPLAC/CAECI, 1986. 76p. (Estudos Econômicos, 9)
15. MENEZES, Socorro de M.A. Brasil e os acordos internacionais de cacau, café e açúcar: 1962-1982. Piracicaba, ESALQ/USP, 1985. 127p. (Tese - Mestrado)
16. NAGARAJAN, P & UPADHYAY, V. Marginal market shares approach for analysing export growth. Eastern Africa Economic Review, Nairobi, 2 (1):1-5, 1986.
17. NOGUEIRA, Elizabeth A. e. **Estu-**

- dos sobre a viabilidade econômico-financeira da cacauicultura no Estado de São Paulo. São Paulo, EAE/FGV, 1986. 133p. (Tese - Mestrado)
18. RICHARDSON, J. D. Constant market shares analysis of export growth. *Journal of International Economics*, Amsterdam, 1: 227-239, June 1971.
19. RIGAUX, L.R. Market share analysis applied to canadian wheat exports. *Canadian Journal of Agricultural Economics*, Orleans, 19 (1): 23-35, July 1971.
20. SCHAUB, James D. U.S. peanuts exports: a market share analysis. Oil crops: situation and outlook report, Washington, Apr. 1987. p.19-21.
21. TOSTA Fo., Ignácio. Cacau: manjar dos deuses. Salvador, Secretaria da Agricultura, 1983. 38p.
22. TRADE YEARBOOK, Roma, FAO, 1961-88.